



Associação Propagadora Esdeva
Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora – CES/JF
Cursos de Jornalismo e Publicidade & Propaganda
Artigo – Projeto de Extensão

EU CANTO, TU CANTAS, NÓS CANTAMOS! O Projeto de Extensão Grupo Vocal Cantares

Gilze Bara¹

Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

Ronan Lobo de Paula²

Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

Linha de Pesquisa: Comunicação e Mediação

RESUMO

A expressão é parte fundamental do processo de comunicação oral. E uma das iniciativas positivas para melhorar a expressão e a comunicação oral é trabalhar as vozes e o canto. Pensando nisso, foi criado o Projeto de Extensão Grupo Vocal Cantares do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF). Além de investir na oratória dos participantes, com o desenvolvimento das capacidades de comunicação oral dos mesmos, o Cantares se efetivou como uma opção artística e cultural nos eventos promovidos pela instituição. E também esteve presente em um evento feito por uma entidade cultural do município de Juiz de Fora. O Grupo Vocal se apresentou para cerca de quinhentas pessoas no ano de 2019, representando o nome do CES/JF na sociedade local.

Palavras-chave: Voz. Canto. Expressão oral. Comunicação oral. Comunicação corporal.

1 INTRODUÇÃO

¹ Docente dos Cursos de Jornalismo e Publicidade & Propaganda do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF) e integrante do Projeto de Extensão Grupo Vocal Cantares. E-mail: gilzebara@cesjf.br

² Docente dos Cursos de Jornalismo e Publicidade & Propaganda do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF) e responsável pelo Projeto de Extensão Grupo Vocal Cantares. E-mail: ronanlobo@cesjf.br

Cantar é uma forma de expressão artística e cultural, que pode trazer benefícios para as pessoas. Além de proporcionar momentos de alegria e integração, o canto auxilia na expressão oral e na oratória, podendo contribuir, assim, para o desenvolvimento humano.

Acreditando nisso, foi criado, como Projeto de Extensão do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF), Grupo Vocal Cantares. O Grupo se propôs a ser uma atração artística e cultural em eventos promovidos pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF) e seus cursos e também em outros eventos realizados no município de Juiz de Fora, representando o nome do CES/JF na sociedade local. Além disso, teve o objetivo de contribuir para o desenvolvimento da comunicação e da expressão oral e corporal de seus integrantes (estudantes e professores do CES/JF), uma vez que, além do canto propriamente dito, foram trabalhadas expressões e percussões corporais, por meio de sons e encenações teatrais.

Este artigo apresenta os referenciais teóricos que embasaram a realização do Projeto de Extensão Grupo Vocal Cantares do CES/JF, bem como sua metodologia e seus resultados.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Durante todo o processo histórico de organização da sociedade até os dias atuais, a arte tem se construído, tornando-se linguagem, comunicação. Segundo Bárbara Heliodora (2013), o passar do tempo possibilitou aos grupos humanos se formarem e, aos poucos, se transformarem em unidades sociais mais complexas, com o enriquecimento de linguagens verbais que se tornaram, lentamente, ferramentas aptas à expressão de pensamentos abstratos. As artes se escrevem em nossos corpos, que, para Friedrich Oetinger³ (in MARZANO-PARISOLI, 2004), são o fim de todas as obras divinas. É através dos corpos humanos que as artes acontecem. “[...] O corpo é sempre e antes de tudo uma entidade real, uma realidade material, o substrato carnal de cada pessoa [...]” (MARZANO-PARISOLI, 2004, p. 24). É no corpo que experimentamos as sensações que provêm dos sentidos. É através do corpo que expressamos os sentimentos e nos comunicamos com o que está ao nosso redor.

³ Teólogo e filósofo alemão, um dos fundadores do Pietismo. Nasceu em 1702 e morreu em 1782.

Portanto, é através do corpo que aprendemos e ensinamos – e isto faz o ato de se expressar um ato político.

Artistas e filósofos, debruçados no debate sobre a arte e a política, transitaram principalmente entre acreditar que a arte é pura contemplação ou defender que a arte apresenta uma visão do mundo em transformação. Segundo Chauí (2012), a concepção platônica considera a arte como forma do conhecimento do humano, enquanto a concepção aristotélica toma a arte como atividade prática humana. Nesse sentido, se para Platão a arte é um *saber*, para Aristóteles ela é um *fazer* ou um *saber prático*. Aristóteles defendia um Sistema Trágico Coercitivo, que, basicamente, consiste em iniciar com o estímulo da *harmatia*, que culmina em um ponto de inversão da felicidade seguido da *anagnorisis*, reconhecimento do erro cometido, levando à catástrofe que encerra na catarse.

Boal (2001) afirma que, felizmente, o sistema de Aristóteles não é a única maneira de se fazer arte e defende uma experiência estética que contribua na transformação da realidade. Para Boal (2001, p. 11), “os que pretendem separar o teatro da política, pretendem conduzir-nos ao erro – e esta é uma atitude política”. O autor considera ainda que a estrutura da apreciação artística estabelecida pela aristocracia, com base no pensamento aristotélico, transforma o espectador em um ser passivo, sentado de forma contemplativa diante da obra, condicionado a obedecer a ideologia dominante. O autor afirma ainda que, após a mudança histórica provocada pelo advento da burguesia, como classe dominante econômica, social e cultural, a arte sofreu nova inflexão. Com a burguesia, os protagonistas, como novos aristocratas igualmente afastados do povo, passaram a obedecer a poética de Maquiavel, mantendo uma ordem que silencia as camadas populares e as estagna. O próprio Engels (in MARX, 2010, p. 275), ao falar sobre o oportunismo dos pequenos-burgueses literatos, os classifica como “gente que não quer aprender fundamentalmente nada e que só quer fazer literatura sobre literatura e com motivos de literatura”. A partir disso, podemos investigar a necessidade de uma visão crítica da arte, afim de entender melhor sua produção frente à realidade, propondo uma participação ativa na transformação social.

Partimos do pressuposto de que a arte, em suas mais variadas expressões, deve fortalecer a produção da estética do humano, afeita à mudança e à transformação de si e do mundo à sua volta. Nesse sentido, arte passa a apresentar uma conotação ético-estético-política, uma vez que se constrói em meio às

contradições da vida humana, não sendo seu mero reflexo, mas, sobretudo, uma possibilidade de suplantar as dimensões do instituído social e historicamente. Para Marx (2010, p. 137), “o objeto de arte – como qualquer outro produto – cria um público capaz de compreender a arte e fruir sua beleza. Portanto, a produção não produz somente um objeto para o sujeito, mas também um sujeito para o objeto”. Tal proposição está expressa em suas reflexões sobre a arte, tendo como um de seus expoentes o teatro “épico” de Brecht, que, ao contrário de Hegel, acredita que a ação dramática é decorrente da ação social do personagem.

Como alternativa, ao se relacionar com o mundo de forma artística, o homem pode se conhecer e se emancipar. Segundo Adorno (2002), é por este meio que o homem se liberta. Sua experiência estética o direciona para um conhecimento maior do mundo e de si e desperta sua consciência, pois a arte é a “instância crítica por excelência que possibilitará uma experiência diferente daquela imposta pela racionalidade instrumental” (ADORNO in DANNER, 2008, p. 02). Adorno aposta na experiência da arte como uma possível saída de uma situação inerte de não compreensão da realidade, nos mostrando que é possível uma tomada de consciência. Segundo o autor, é de suma importância que a arte esteja presente na vida do homem, em sua formação educacional, podendo ser fonte de conhecimento em todos os níveis, tornando este movimento uma chance de apontar caminhos possíveis para que, cada vez mais, os educandos estejam em direção ao desenvolvimento da vitalidade humana e de seu em-si, atentos diante das possibilidades de formatação e funcionalidade em que estão expostos.

Segundo Adorno (in DANNER, 2008, p.04), a partir do advento do capitalismo como modo de produção econômica dominante, acompanhamos um processo de produção em série de bens culturais que alimentam um ciclo que gera necessidade de mercadorias, iludindo as pessoas com uma falsa liberdade de compra e de escolha. Adorno (2002) afirma que não há espaço para a fantasia e para o pensamento diante da obra e, sim, uma atrofia da imaginação e da espontaneidade. E prossegue:

O cinema e o rádio não têm mais necessidade de serem empacotados como arte. A verdade de que nada são além de negócios lhes serve de ideologia. Esta deverá legitimar o lixo que produzem de propósito. O cinema e o rádio se auto-definem como indústrias, e as cifras publicadas dos rendimentos de seus diretores-gerais tiram qualquer dúvida sobre a necessidade de seus produtos. (ADORNO, 2002, p. 06)

A constatação de Adorno (2002) está relacionada ao processo de esclarecimento pela razão, que cada vez mais separa o homem de sua natureza⁴ tanto externa, quanto interna, formatando-o, reprimindo seus desejos, contribuindo para uma cultura de geração de riquezas às custas do seu trabalho e do seu esforço, sem envolvimento crítico e emocional com o que produz. Há aqui um processo perigoso, no qual o pensamento se preocupa apenas com os meios pelos quais é capaz de gerar tecnologias e riquezas e se esquece da finalidade com que é usado, fazendo do homem apenas um elemento do meio de produção. Nesta linha argumentativa, depreendemos que a indústria cultural contribui com a homogeneização dos comportamentos, ou seja, com a massificação das pessoas.

[...] a promessa de libertação da tutela, à qual a arte esteve submetida em épocas passadas, não se realizou, ainda que, em termos concretos, as instâncias tradicionais de patrocínio – mas também de censura e controle – como [...] a aristocracia (mesmo decadente) e a burguesia ascendente tenham perdido o seu papel e dado lugar à possibilidade de um mercado de bens culturais. (DUARTE, 2010, p. 223)

Vivemos processos de racionalização em todas as áreas da sociedade, em especial um modelo imperialista de educação que hoje é mais aceito e empregado. Um modelo no qual o professor corre o risco de se tornar um mero reprodutor deste sistema. Diante disso, tornam-se necessários espaços de construção do conhecimento que utilizem outras perspectivas e façam frente ao que se instala como senso comum. Um espaço onde o corpo do aluno seja presente e atuante, descobrindo e manifestando toda a sua potência criadora.

Ao educador cabe descobrir meios de proporcionar caminhos que possam promover a descoberta ou a redescoberta do corpo e, junto a isso, permitir que cada educando se perceba no processo de aprendizagem. As alternativas que fazem frente ao processo de massificação da sociedade – e que a embrutece – necessitam ser experimentadas e estarem em constante atualização, uma vez que o processo de transformação das unidades sociais, assim denominados por Bárbara Heliodora (2013), não tem um ponto de chegada. Um caminho possível foi estruturado por

⁴ Natureza aqui entendida de forma ampla, contemplando as sensações e as emoções humanas, ao que é do sentido e não apenas orgânico. Diante da obra de arte, por exemplo, há uma sensação de espanto, ódio, amor, felicidade... mas também sensações que não necessitam ser nominadas. Tudo isso diz respeito à situação da natureza do homem.

Lenora Lobo⁵ e Cássia Navas (2007, p. 75), com base em três eixos fundamentais: “corpo cênico, movimento estruturado e imaginário criativo”. Eles formam o triângulo da composição, que estimula, norteia e elabora os processos criativos. Os três vértices deste triângulo são baseados na energia, na matéria e na ação. O corpo cênico é matéria que se expressa ao outro. “E o corpo humano é, digamos assim, o lugar natural da percepção e do conhecimento do mundo” (LARA, 2004, p. 17). É preciso que o educando tenha contato com seu próprio corpo, para perceber e aguçar seus sentidos. Neste momento é que a pesquisa das capacidades corporais se desenvolve. Conhecendo a si, ele brinca e entende seus mecanismos, descobre que o corpo é dinâmico e que pode ser percussivo, vocal, estético e performático, entre outras possibilidades. Ele adquire consciência de seus sistemas ósseo, articular e muscular e passa a conhecer suas habilidades motoras. Ele trabalha suas intenções e as expressividades das partes do corpo e do todo, corporificando as emoções para se expressar, lançando mão de estímulos internos e externos.

No processo de trabalho das performances é preciso levar em conta que o corpo é único e diferente, cada um tem suas experiências, seu universo específico. E é importante que essas experiências sejam levadas em conta, mas que a prioridade do trabalho seja a libertação desse corpo e a valorização daquilo que cada um oferece, contribuindo para que aconteça um processo contrário ao de massificação. “Cada tipo de arte deve liberar a quem a estuda e não convertê-lo em prosélito [...]” (LARROSA, 2010, p. 51). Quando auxilio a libertação do corpo do meu aluno das amarras que lhe foram impostas, ele passa a ser sujeito de sua história e isso possibilita a arte.

A essência do trabalho corporal que proponho é a busca da sintonia e da harmonia com nosso próprio corpo, o que possibilita chegar à elaboração de uma dança singular, original, diferenciada, e por isso mesmo rica em movimento e expressão. Para ser intérprete de minhas emoções, tenho necessariamente que me despojar de uma imagem que me foi de alguma forma imposta para adotar a postura que corresponde à minha trajetória pessoal e à minha existência cotidiana. É o mesmo que apagar um quadro cheio de frases vazias que me foram ditadas, para dar início ao aprendizado de um novo alfabeto, de uma nova linguagem capaz de traduzir aquilo que verdadeiramente sinto e quero expressar. (LOBO; NAVAS, 2007, p. 82)

⁵ Lenora Lobo é bailarina, coreógrafa e diretora, especializada em dança pelo Laban Centre (Londres). Autora de **Teatro do Movimento - um método para o intérprete criador** e **Arte da composição - Teatro do movimento**, pela LGE Editora, que foram publicados em parceria com a pós-doutora em artes Cássia Navas.

Sendo assim, é possível desenvolver um trabalho que seja potente: uma pesquisa das capacidades corporais, um trabalho que direciona o autoconhecimento, a consciência corporal e presente, ao educando, capacidades que, muitas vezes, ele não percebia que possuía. Este processo, aos poucos, desenvolve em cada um maior percepção e desenvolvimento de sua extensão vocal, percussão corporal, ritmo e movimento cênico, dentre outros elementos – um movimento importante, que pode refletir na sua atuação em relação ao mundo que o rodeia. Uma vez que consegue olhar para as suas particularidades e somá-las às dos outros, o educando percebe a importância da diferença e da cooperação.

Voltando ao processo proposto por Lobo e Navas (2007), o “corpo cênico” e o “imaginário criativo” contam com um terceiro elemento para formar esse Triângulo da Composição: o movimento estruturado, que é parte de uma estrutura organizada por Rudolf Laban⁶. Isso permitiu entender o movimento a partir de cinco pontos importantes: corpo, ação, espaço, relacionamento e dinâmica. Cada um deles possui desdobramentos que se aprofundam e proporcionam uma experiência rica na busca do movimento. “Os movimentos também são organizados para estruturarem os conteúdos e imagens de uma dança [...]” (LOBO; NAVAS, 2008, p. 40). No processo da pesquisa para o trabalho vocal e percussivo, podemos aproveitar o conceito de Laban acerca do Movimento Estruturado, aplicando todo o processo nas performances musicais que necessitam, em nosso caso de “corpo, ação, espaço, relacionamento e dinâmica”. O corpo, que é matéria para o desenvolvimento do trabalho; as ações, que levam à produção dos efeitos sonoros e visuais; o espaço, que dialoga com a projeção do som vocal e de todo o corpo; a necessidade do relacionamento que podemos apresentar em vários aspectos como a afinação, o arranjo, o volume, dentre outros elementos; e a dinâmica, que desenvolve todo o processo das relações dos educandos, agora artistas em cena, para que a apresentação aconteça.

O imaginário criativo é o terreno onde nossas memórias habitam, é o que se manifesta na criação, quando o artista toma consciência do que quer expressar. “O

⁶ Dançarino e coreógrafo, considerado como o maior teórico da dança do século XX e como o "Pai da dança-teatro". Dedicou sua vida ao estudo e à sistematização da linguagem do movimento em seus diversos aspectos: criação, notação, apreciação e educação.

vértice do imaginário criativo se propõe a estimular o desenvolvimento da imaginação criativa do artista” (LOBO; NAVAS, 2008, p. 32). A potência do imaginário criativo nos leva a descobrir as capacidades corporais que são oferecidas no grupo, que se apresenta, inicialmente, nos encontros para ensaios e trabalho de construção de espetáculo. Cada integrante, aos poucos, descobre e contribui com suas capacidades, gerando possibilidades infinitas de produção de sons, levando a plateia a imaginar uma floresta rica em diversidade de fauna, ou uma chuva que se aproxima, ou uma máquina em funcionamento. Além disso, torna-se possível abrir em diversas vozes uma música em um arranjo que dispensa o uso de instrumentos de acompanhamento.

O elemento imaginário criativo busca o estímulo da imaginação criativa da pessoa que, pela recordação de sua própria vida, corporifica suas impressões, transformando-as em linguagem. Lenora Lobo e Cássia Navas (2007) propõem um trabalho didático a partir desse vértice, que se divide em três momentos: sensibilização, improvisação e conclusão. Segundo as autoras, o início do trabalho deve dar-se com estímulos à força criadora, que acontecem a partir da percepção, da sensação, do sentimento, das emoções, da memória, da imaginação e das demais nascentes – tudo isso perpassando pelas propostas artísticas que estimulam e exercitam todas essas questões. Após os estímulos, a criação segue os estímulos básicos, que são as respostas do corpo por vias sensorial, motora, vocal, musical e espacial. O terceiro passo seria a improvisação e a investigação, quando surgem os temas variados seguidos de perguntas e ideias que culminam em improvisação e em uma pesquisa que tem como objetivo a investigação de sons e movimentos. Há, então, a seleção do que apareceu nesse processo, por via da percepção e da repetição. A partir daí, as músicas e suas performances são construídas, revistas e analisadas.

Por meio dos exercícios realizados, conseguimos compreender que “a racionalidade técnica é hoje a racionalidade da própria dominação” (ADORNO, 2002, p. 06). Nesta perspectiva, todo o processo artístico desenvolvido aponta possibilidades de experiências diversas diante da arte, buscando o distanciamento do discurso tecnicista diante das obras e apontando outras possibilidades de experimentar e de produzir arte. Assim, o processo de experiência estética é também um processo de permissão, no qual os participantes podem se perceber como seres artísticos.

3 METODOLOGIA

O Projeto de Extensão Grupo Vocal Cantares reuniu estudantes e professores dos cursos de Publicidade & Propaganda, Jornalismo e Ciências Biológicas⁷ do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, sob supervisão do professor Ronan Lobo de Paula e apoio da professora Gilze Bara. Os ensaios do grupo foram realizados semanalmente, às quartas-feiras, das 11h10 às 12h, em uma sala de aula do Campus Arnaldo Janssen.

Além de trabalhar as vozes e o canto dos participantes, a expressão corporal foi promovida, com a realização de percussões corporais pelos integrantes do Grupo, que fizeram sons, utilizando suas mãos e seus pés, para compor os arranjos musicais. E ainda algumas encenações teatrais, também integrando as coreografias das apresentações.

Para a realização do Projeto, foi criada a logomarca do Núcleo, em parceria com a disciplina Marketing Especializado/Marketing Cultural, do oitavo período de Publicidade, sob supervisão do professor Thiago Berzoíni. Após análise de várias possibilidades apresentadas pelos estudantes, a logomarca escolhida foi:



Figura 1: Logomarca do Grupo Vocal Cantares

Também logo no início do processo, foi feita a foto oficial do grupo, no hall do Bloco 1 do Campus Arnaldo Janssen do CES/JF. A fotógrafa foi a professora de Fotografia, Fotojornalismo e Fotografia Publicitária, Gleice Lisboa:

⁷ O Projeto de Extensão foi aberto a estudantes e professores de todos os cursos do CES/JF, mas teve participações de representantes dos três cursos citados.



Figura 2: Foto oficial do Grupo Vocal Cantares, feita no primeiro semestre de 2019

A estreia do Cantares foi na abertura da 12ª Semana da Comunicação, evento dos cursos de Jornalismo e Publicidade do CES/JF. Foi produzida uma arte para divulgar a apresentação do grupo nas redes sociais:



Figura 3: Arte para divulgação digital da primeira apresentação do Grupo Vocal Cantares, na abertura da 12ª Semana da Comunicação do CES/JF

A apresentação do Grupo Vocal Cantares na abertura da 12ª Semana da Comunicação do CES/JF foi na manhã do dia 06 de maio de 2019, no Teatro Academia, para cerca de 150 pessoas:



Figura 4: Grupo Vocal Cantares em sua estreia no Teatro Academia

Já no dia 16 de maio de 2019, o Grupo Vocal Cantares foi a atração cultural do encerramento do IV Seminário de Psicologia – Saúde Mental na Contemporaneidade, promovido pelo curso de Psicologia do CES/JF. A apresentação foi realizada de noite, no Anfiteatro do CES/Academia:



Figura 5: Cantares no Anfiteatro do CES/Academia

Em agosto, o Grupo recebeu e aceitou um convite para uma apresentação externa, na I Feira Literária do Instituto Cultural Tenetehara, localizado no bairro São Pedro, em Juiz de Fora. Foi produzida uma arte para a divulgação digital da apresentação do grupo:



Figura 6: Arte para divulgação digital da apresentação do Cantares na Feira Literária Palavre-se

A apresentação do Cantares na I Feira Literária do Instituto Cultural Tenetehara foi na noite de 24 de agosto de 2019, ao lado de diversos grupos culturais do município de Juiz de Fora:



Figura 7: Integrantes do Grupo Vocal Cantares em apresentação no Instituto Cultural Tenetehara

No dia 23 de setembro de 2019, o Grupo Vocal foi a atração cultural na abertura da XV Semana de Biologia, promovida pelo Curso de Ciências Biológicas do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. A apresentação foi no Campus Arnaldo Janssen:



Figura 8: Grupo Vocal na abertura da Semana dae Biologia, no CES/Campus Arnaldo Janssen

As últimas apresentações do Cantares no ano de 2019 foram no dia 06 de novembro, no Campus Arnaldo Janssen, integrando a programação do V Seminário de Extensão e Pesquisa do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora:



Figuras 9 e 10: Cantares em apresentação no Campus Arnaldo Janssen, durante o ... Seminário de Extensão e Pesquisa do CES/JF

O Grupo interpretou seu repertório para o público presente no evento pela manhã e também de noite. Outra participação do Cantares no V Seminário de Extensão e Pesquisa do CES/JF foi com a exposição de um pôster sobre o Projeto de Extensão. O pôster foi exposto no campus Academia no dia 04 de novembro e no campus Arnaldo Janssen no dia 06 de novembro de 2019:

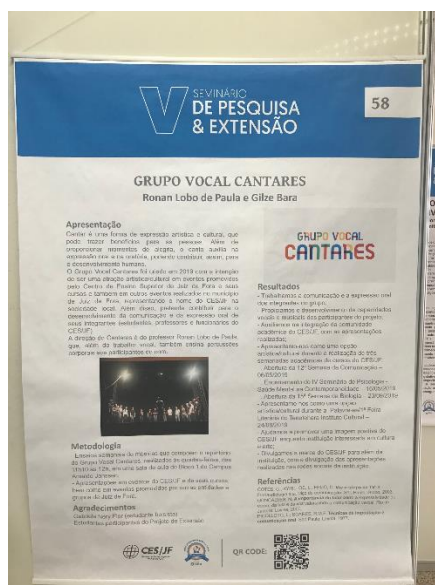


Figura 11: Pôster do Projeto de Extensão Grupo Vocal Cantares em exposição durante o V Seminário de Extensão e Pesquisa do CES/JF

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Grupo Vocal Cantares, do CES/JF, fez seis apresentações durante o ano de 2019, que foram assistidas por cerca de quinhentas pessoas. Assim, promoveu uma imagem positiva do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora enquanto instituição interessada em cultura e arte, promovendo a marca CES/JF para além da instituição, com a divulgação das apresentações realizadas nas redes sociais da instituição.

Mas, para além das apresentações, nas quais o Grupo se mostrou como uma opção artística e cultural dentro e fora da instituição de ensino, devemos considerar o trabalho realizado durante os ensaios. O Projeto de Extensão proporcionou trabalhar a comunicação e a expressão oral e corporal dos integrantes do grupo e o desenvolvimento de capacidades vocais e musicais dos participantes do Projeto, além de auxiliar na integração da comunidade acadêmica do CES/JF.

E como produção científica advinda do Projeto de Extensão, foi produzido este artigo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Projeto de Extensão Grupo Vocal Cantares cumpriu seus objetivos. Ele trabalhou e melhorou a comunicação e a expressão oral e corporal dos integrantes do

grupo, propiciando o desenvolvimento de capacidades vocais, musicais e corporais dos participantes do Projeto.

Além disso, este Projeto de Extensão auxiliou na integração da comunidade acadêmica do CES/JF e promoveu uma imagem positiva da instituição, que mostrou-se interessada em cultura e arte, divulgando a marca CES/JF para além da instituição, não só se apresentando em um evento promovido por uma entidade cultural respeitada no município, mas também com a divulgação das apresentações realizadas nas redes sociais da instituição, dos integrantes do Grupo e de outros membros da comunidade acadêmica que assistiram às apresentações.

ABSTRACT

Expression is a fundamental part of the oral communication process. And one of the positive initiatives to improve oral expression and communication is to work on voices and singing. With that in mind, the Vocal Cantares Extension Group Project of the Juiz de Fora Higher Education Center (CES / JF) was created. In addition to investing in the participants' oratory, with the development of their oral communication skills, Cantares became an artistic and cultural option in the events promoted by the institution. And it also attended an event made by a cultural entity of the city of Juiz de Fora. The Vocal Group performed for about five hundred people in 2019, representing the name of CES / JF in the local society.

Key-words: Voice. Singing. Oral expression. Oral communication. Body communication.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Indústria Cultural e Sociedade**. São Paulo: Paz e Terra. 2002.

BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido e Outras Poéticas Políticas**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2001.

CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia**. 14ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2012.

DANNER, Fernando. **A Dimensão Estética em Theodor Adorno**. Thaumazein: Revista Online de Filosofia. v (02), n (03). 2008.

DUARTE, Rodrigo. O que está vivo na estética de Adorno. In: HADDOCK, R. (Org.) **Os filósofos e a arte**. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

HELIODORA, Bárbara. **Caminhos do Teatro Ocidental**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

LARA, Tiago Adão. O Corpo: Experiência fundamental da nossa situação no mundo. In: **Horizonte Teológico**, n.5, ano 3, Janeiro/Julho Belo Horizonte, ISTA, 2004.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana** - Danças, piruetas e mascaradas. 5. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

LOBO, Lenora; NAVAS, Cássia. **Teatro do Movimento**: um método para o intérprete criador. 2. ed. Brasília: LGE, 2007.

LOBO, Lenora; NAVAS, Cássia. **Arte da Composição**: Teatro do Movimento. Brasília: LGE, 2008.

MARX, Karl. **Cultura, Arte e Literatura**: Textos escolhidos. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

MARZANO-PARISOLI, Maria Michela. **Pensar o corpo**. Petrópolis: Vozes, 2004.